



## **Ativismos Ambientais e Espiritualidades: (re) existências em Vandana Shiva e Dorothy Stang**

Environmental Activisms and Spiritualities: (re) existences in Vandana  
Shiva and Dorothy Stang

Tânia Regina Zimmermann<sup>1</sup>

Cristiano Anderson Bahia<sup>2</sup>

**Resumo:** O protagonismo feminino em ações de defesa do modo de vida de comunidades e de seus espaços de existências dignos e pautados na sustentabilidade nos alude por discussões que as colocam nos seus agenciamentos. Nesse sentido, objetiva-se discutir a participação feminina e suas inserções possíveis no ecofeminismo permeadas pela religiosidade e espiritualidade a partir de uma pesquisa bibliográfica. Duas personagens foram estudadas pelas suas referências na atualidade: a indiana Vandana Schiva e a naturalizada brasileira Dorothy Stang, pois a experiência espiritual dessas mulheres nos aduz a uma conexão específica com o meio ambiente e com modos de activismos políticos. A pesquisa pontua que na socialização dessas mulheres alenta-se para o cuidado como afetação, para a solidariedade e a gratuidade, reforçando a sensibilidade e a justiça social.

**Palavras-chave:** agência, mulheres, ecofeminismo, espiritualidades.

**Abstract:** The feminine role in actions to defend the way of life of communities and their spaces of existences worthy and guided by sustainability alludes to us by discussions that place them in their agencies. In this sense, the objective is to discuss female participation and its possible insertions in ecofeminism permeated by religiosity and spirituality from bibliographic research. Two characters were studied for their references today: the Indian Vandana Schiva and the naturalized Brazilian Dorothy Stang, as the spiritual experience of these women leads us to a specific connection with the environment and with modes of political activism. The research points out that the socialization of these women encourages care as an affectation, solidarity and gratuity, reinforcing their sensitivity, intermingling and socialjustice.

**Keywords:** agency, women, ecofeminism, spiritualities.

---

<sup>1</sup> Doutora em História e professora do curso de História do Programa de Mestrado da Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul. E-mail: taniazimmermann@gmail.com.

<sup>2</sup> Doutorando em Ciência da Religião e professor da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. E-mail: bahia.ca@gmail.com.



## Introdução

Experiências de mulheres em vários lugares desse mundo alentam para uma conexão específica com o meio ambiente. Como isso é possível? Seria uma prática inerente ao feminino cuja relação com a reprodução humana daria as respostas que aqui procuramos? Suas proximidades com o campo da natureza naturalizante nos aproximaria de verdades inelutáveis. Eis uma das respostas:

[...] podemos conscientemente escolher a aceitação da conexão mulher-natureza, participando da cultura, reconhecendo que a desvalorização da doação da vida tem consequências profundas para a ecologia e para as mulheres (CIOMMO, 2003, p. 424).

Essas consequências negativas para as mulheres e a ecologia podem ser percebidas em dois níveis principais no olhar de ecofeministas ocidentais conforme nos atesta Ruether (1996). No primeiro nível cultural-simbólico, o sistema patriarcal ocidental associou mulheres com natureza:

Isso se mostra na maneira como as mulheres foram identificadas com o corpo, a terra, o sexo, a carne em sua mortalidade, fraqueza e “propensão ao pecado” vis-à-vis uma interpretação da masculinidade que a identifica com o espírito, a mente e o poder soberano tanto sobre as mulheres quanto sobre a natureza (RUETHER, 1996, p. 130).

No entanto, o segundo nível agrega a situacionalidade socioeconômica e relaciona a exploração do trabalho e do corpo feminino com a destruição dos modos de existência em relação à água, terra, animais, etc. Nessa dominação diferentes maneiras de exploração são providas na associação entre capital e patriarcado inferiorizando as mulheres, mas conforme aponta Ruether, isso não afeta o feminino do mesmo modo. Por isso, a perspectiva de classe e raça conjugada com gênero traz contribuições mais lúcidas:

Essa forma sócio-econômica de análise ecofeminista, então, vê os padrões culturais-simbólicos pelos quais tanto as mulheres quanto a natureza são inferiorizadas e mutuamente identificadas como uma superestrutura ideológica por meio da qual o sistema de dominação econômica e jurídica das mulheres, da terra e dos animais é justificado e parece “natural” e inevitável dentro da totalidade de uma cosmovisão



patriarcal. As ecofeministas que acentuam essa análise sócio-econômica subjacente à ideologia patriarcal de subordinação das mulheres e da natureza também pretendem que se inclua igualmente a hierarquia de raça e classe (RUETHER, 1996, p. 130).

Embora a premissa que associa a mulher à natureza seja alvo de críticas feministas por conter um essencialismo biologizante convém pontuar que na socialização de muitas mulheres alenta-se para o cuidado como afetação, para a solidariedade e a gratuidade reforçando a sensibilidade, imbricando-se aí natureza e cultura como processos representacionais construídos (SORJ, 1992). Mas a maternidade é também uma construção conforme nos atesta Badinter (1995) na sua obra “O mito do amor materno”. Assim sendo, nutrir e cuidar abrem janelas para uma outra visão ecológica sobre o que nos sustenta?

A ecofeminista australiana Val Plumwood (1993) afirma que a crença em uma natureza benfeitora inata das mulheres seria um retorno ao velho estereótipo vitoriano do “anjo do lar”, convertido agora em “anjos do ecossistema”. Para a filósofa Célia Amorós (1997), desta forma se exigiria um trabalho a mais para as oprimidas - o de serem salvadoras de um planeta em perigo (PULEO, 2012, p. 29).

Então partimos da premissa que o impulso natural das mulheres vem de uma invenção também e, portanto, não há deveres naturais pela causa ambiental com uma pretensa universalidade a qual apagaria as demais desigualdades. Nem todas as mulheres assumem o maternar, mesmo sem gestar. Mas o processo sócio-histórico hegemoniza funções e se apropria dessas subjetividades para lucrar. No entanto, a exclusão também recai sobre essas subjetividades, sobretudo, nas crises econômicas. São mulheres e outros coletivos que experienciam, de modo agudo, a fome no seu entorno e a destruição dos seus modos de subsistência e existência.

No entanto, o processo sócio-histórico e educacional tem primazia nessas velhas e novas perspectivas. Nesse sentido, apontar para experiências outras que por vezes não visíveis na ciência misógina<sup>3</sup> pode ser um alento para o real que se insurge à porta, sobretudo na crise ecológica. Puleo observa que:

---

<sup>3</sup> Sobre a memória feminina e visibilidade ver ZIMMERMANN, Tânia; MEDEIROS, Márcia Medeiros. Biografia e Gênero: repensando o feminino. In: Revista de História Regional, 9(1), Verão 2004, p. 31-44.



Tanto o ecologismo como o feminismo e o pacifismo estão na categoria de novos movimentos sociais, pois não se limitam apenas à exigência de uma distribuição de recursos mais justa. Eles também propõem outra qualidade de vida, se originam de uma visão diferente sobre a realidade cotidiana e revalorizam o que havia sido designado como diferente e inferior. Nesta nova abordagem, o despertar da consciência sobre a desvalorização das práticas de cuidado tem um lugar muito importante para o contato das mulheres com a ecologia (PULEO, 2012, p. 32).

Os entrelaçamentos entre ações locais, a globalidade e a modernidade no pensamento das ativistas Shiva e Stang perpassam as interrogações sobre as mulheres que ficaram à margem do reconhecimento histórico de suas atividades, sobretudo, na ambiência do privado e/ou do rural. No entanto, cabe pontuar:

Quando começamos a pesquisar as experiências femininas em lugar das masculinas, logo nos deparamos com fenômenos - tais como a relação emocional com o trabalho ou os aspectos "relacionais" positivos da estrutura da personalidade -, cuja visibilidade fica obscurecida nas categorias e conceitos teóricos tradicionais. O reconhecimento desses fenômenos abafa a legitimidade das estruturas analíticas centrais das teorias, levando-nos a indagar se também nós não estaríamos 'distorcendo' a análise das vidas de mulheres e homens com as extensões e reinterpretações que fizemos. Além disso, o próprio fato de nos utilizarmos dessas teorias traz, muitas vezes, a lamentável consequência de desviar nossas energias para infundáveis polêmicas com suas defensoras não-feministas: acabamos por dialogar não com outras mulheres, mas com patriarcas (HARDING, 1993, p. 2).

O diálogo com as dimensões do fazer feminino se colocam no ecofeminismo, pois experiências de mulheres aduzem a responsabilidade e promoção de um impacto criativo e inventivo nas mais diferentes áreas da existência do humano em cosmovisão. Neste sentido, Stang e Shiva propuseram novos debates e embates sobre a equidade, igualdade de gênero e suas relações com a sustentabilidade, justiça socioambiental, recuperação de ecossistemas frágeis e a segurança alimentar nos diferentes espaços institucionais e na ambiência rural.

### **Shiva e Stang em atravessamentos socioambientais**

Nas discussões sobre o protagonismo feminino no sul global, em relação as demandas e ações proativas rumando a sustentabilidade e autonomia de comunidades rurais para gerir seus modos de vida, apresentamos os esforços conjugados de Vandana



Shiva e Dorothy Stang. A primeira primou também por expressar seu ativismo em escritos. A segunda tem seus legados inscritos em suas ações com coletivos, com excluídos urbanos e com comunidades da floresta ou que ali estabeleceram seus modos de vida.

Stang ficou conhecida mundialmente como o “anjo da floresta” e a “A primeira mártir da Criação”. No documentário “Mataram irmã Dorothy” (2009) o diretor norte-americano Daniel Junge, dá a conhecer seus princípios de ação guiados pela espiritualidade: “A terra é vida. E não podemos tirar a vida da Terra só para nós. Temos que pensar naqueles que vem depois de nós então a terra tem que ser para sempre. Nós temos que tratar com muito carinho. A terra é fonte de vida para o povo de Deus”.

O que ambas têm em comum: a espiritualidade vertida em suas religiosidades<sup>4</sup> e comprometimento com as questões socioambientais. Na perspectiva da ecologia e religiosidade cristã, Gebara aponta que há uma imagem única de Deus:

Do ponto de vista da ecologia, a imagem patriarcal de Deus se apresentava como dominadora da natureza. Esta parecia submetida a Deus, que a entregou ao homem para que a dominasse. De todas as criaturas, o ser humano masculino era o preferido, o que mais se assemelhava a Deus. Isto desenvolveu uma espiritualidade centrada no ser humano masculino. Os outros seres vivos, a complexa teia biológica na qual vivemos estava a serviço do homem. Hoje, nossos conhecimentos científicos e nossa experiência de mulheres nos dizem algo diferente. O que captamos tem pontos de encontro com tradições cristãs menos difundidas no Ocidente, mas tem também algo de próprio, de nosso, de contextual (GEBARA, 1997, p. 32).

Gebara ainda pontua que a perspectiva ecofeminista também deve observar algumas estruturas fundantes das religiões. Para tal análise incluiria o modo como ocorre a exclusão entre mulheres e homens e como se a natureza fosse apenas um objeto da conquista humana.

Essa perspectiva poderia contribuir para recuperar valores e símbolos igualitários e ecológicos presentes em religiões e que estariam

---

<sup>4</sup> Sobre as articulações entre espiritualidade e religiosidade ver PINTO, Enio Brito. Espiritualidade e religiosidade: articulações. In: **Revista de Estudos da Religião**. PUC São Paulo, 2009, p. 68-83. Para Brito ambos são temas próximos mas indicam fenômenos diferentes. A espiritualidade não tem relação necessária com a religiosidade. Esta última tem relação com o transcendente e o primeiro não. A espiritualidade busca sentido e aprofundamento em si e no mundo e a religiosidade também, no entanto, pode ser fonte de acomodação e alienação (2009, p. 71).



encobertos pelo sistema patriarcal. Ela propõe uma nova consciência cultural que exige mais relações de interdependência, relacionalidade e solidariedade. Por isso, exige a cooperação entre pessoas e grupos que descobriram que é impossível viver sem que todos nós cuidemos da Teia Vital. Exige renúncias de todos(as) em favor da vida e bem-estar comum. Exige uma ética fundada no amor ao próximo humano e à Terra, ao ecossistema que nem sempre vemos (GEBARA, 1997, p. 33).

Essas percepções implicaram também no aguçado olhar de Stang sobre o tema e em suas ações no cuidado da terra. Já para Shiva, o princípio feminino ou o *Prakriti* é a fonte de toda a criação na Natureza quer seja com ou sem vida. Trata-se de um princípio com força criativa que conectaria todos os seres pela continuidade da vida. A origem desse princípio remonta as tradições hindus. O rompimento dessa força implicaria mormente na dominação feminina bem como de povos colonizados e conseqüentemente dos desequilíbrios ecológicos. Nesse interim, Shiva propõe a recuperação do princípio feminino:

A recuperação do princípio feminino se baseia na amplitude. Consiste em recuperar na Natureza, a mulher, o homem e as formas criativas de ser e perceber. No que se refere à Natureza, supõe vê-la como um organismo vivo. Com relação à mulher, supõe considerá-la produtiva e ativa. No que diz respeito ao homem, a recuperação do princípio feminino implica situar de novo a ação e atividade em função de criar sociedades que promovam a vida e não a reduzem ou a ameacem (SHIVA, 1991, p. 77).

Esse olhar de Shiva reflete sua espiritualidade, pois a mesma implica numa vivência que produza transformações no interior humano levando a integração de si, com os outros e o mundo (BRITO, 2009, p. 73). Vivência essa que não põe em oposição ao material, mundano, corpóreo, ao mundo natural e sim os assuma encarnado na vida numa elevação sublime. Ainda conforme Brito, a espiritualidade pode ou não ser cultivada e uma de suas maneiras de vivê-la é através da religião. A religião, então, pode ser uma manifestação da espiritualidade (2009, p. 73). A espiritualidade afina-se com a busca de sentido para a existência na existência, mas não um sentido único tal qual para muitas religiões. Brito observa também distanciamentos:

Dependendo da maneira como é vivida, a religiosidade pode encobrir a espiritualidade, pode até sufocá-la como é o caso dos idólatras, dos fanáticos religiosos, das pessoas supostamente ingênuas que não



conseguem sequer criticar sua religião, assim como é o caso das pessoas que não participam comunitária ou ecologicamente do mundo (2009, p. 74-5).

Outrossim, também importa articular a dimensão da espiritualidade de ambas ao ato político, pois as mesmas incitam um modo de viver não hegemônico. Sobre essa relação Marcelo Barros observa alguns processos históricos:

Nos séculos passados, por não terem claro essa relação entre o compromisso ético da fé e a dimensão espiritual da Política, as próprias estruturas das Igrejas e religiões, assim como a maioria dos religiosos, deram aparência religiosa a guerras e violências indescritíveis. Na Índia, as religiões deram aparência espiritual ao sistema social das castas. Na África do Sul, durante séculos, cristãos protestantes justificaram o apartheid. No mundo inteiro, católicos e evangélicos legitimaram o Colonialismo. Foram coniventes com o racismo e com injustiças sociais (BARROS, 2016, p. 1).

Diante dessas assertivas observa-se em Shiva e Stang a inquietude, a curiosidade, a entrega e o tecer contínuo na busca de sentido em meio a indiferença com aquelas e aqueles desprovidos de poder econômico e político. Implica na percepção em cuidar do que precisa ser cuidado via despojamento, humildade, altruísmo e coragem. Ambas ativistas são percebidas nessas perspectivas, pois se colocam nas antípodas do poder hegemônico.

Isso implica em combater não só os poderes locais, regionais e sim perceber que na perspectiva sul existe essa redução e ameaça pelo norte Global com seu imperialismo econômico e ecológico. Sistema esse que aduz a destruir, devastar e reduzir os modos de existência de comunidade tradicionais sob a divisão internacional do trabalho. Spivak (2010) também observou esse processo na colonialidade de saberes incluindo filósofos da desconstrução, os quais ignoraram o sul global. Na recuperação da não colonialidade do ser, do poder e do saber, Shiva observa as possibilidades políticas propostas no ecofeminismo.

Ecofeminismo<sup>5</sup> enquanto movimento social ascende no o início do século XX e se caracteriza por incorporar as experiências femininas com a problemática ambiental. O termo foi cunhado por Françoise D'Eaubonne em 1970 na França. Hodiernamente

---

<sup>5</sup> Para Ema Siliprandi, o ecofeminismo pode ser definido como uma escola de pensamento, o qual faz uma interconexão entre a dominação da Natureza e a dominação das mulheres (2000, p. 61).



podemos pluralizar o movimento dada as diversas tendências. Nesse movimento também se foca nas interseccionalidades de opressões nas quais figuram raça, classe, gênero, mundo natural, temporalidade, geopolítica, grupos sociais. No entendimento desse movimento, o agenciamento feminino tem por preceito:

A socialização das mulheres reforça a sensibilidade, a solidariedade e a 'gratuidade', conceito fundamental da cultura feminina, o que daria a elas a responsabilidade de promover um impacto sociocultural revolucionário, criativo, em todas as áreas da existência, nas relações pessoais, nas amorosas, nas profissionais, de trabalho e nas decisões políticas, em que se decidem a paz e a sobrevivência das espécies (CIOMMO, 2003, p. 439).

No entanto, reforçamos que na relação norte sul global os processos de destruição ambiental afetam de sobremaneira as interseccionalidades com o feminino. A feminização da pobreza é um desses aspectos com profundas consequências socioambientais, de saúde e de comprometimento geracional.

O ecofeminismo espiritualista terceiro mundista com inspiração em Ghandi e na Teologia da Libertação assevera que o patriarcalismo e a colonialidade de poder gerou opressões diversas para as mulheres. Também entendem que um equilíbrio ecológico global depende da supressão das estruturas patriarcais e a proposição de uma nova cosmologia.

[...] apresenta a necessidade de uma nova cosmologia que reconhece que a vida na natureza (incluindo os seres humanos) mantém-se por meio da cooperação, cuidado e amor mútuos. Somente deste modo estaremos habilitados a respeitar e a preservar a diversidade de todas as formas de vida, bem como de suas expressões culturais, como fontes verdadeiras de nosso bem estar e felicidade. Para alcançar este fim, as ecofeministas utilizam a metáfora "re-tecer o mundo", "curar as feridas", religar e interligar a teia (MIES; SHIVA, 1993, p. 15).

Assim sendo, a espiritualidade soma a essa cosmologia, pois tanto Dorothy como Shiva contemplam o humano e a vida planetária na sua totalidade o que se verifica também no documento papal *Laudato Si*. Ambas entendem que as suas espiritualidades são pensadas no sentido de uma conexão com algo maior do que a si próprias a partir de experiências práticas. Na tentativa de definir a espiritualidade Müller pontua:



Espiritualidade é viver com espírito e, portanto, é uma dimensão constitutiva do ser humano. Espiritualidade é uma expressão para designar a totalidade do ser humano enquanto sentido e vitalidade, por isso espiritualidade significa viver segundo a dinâmica profunda da vida. Isso significa que tudo na existência é visto a partir de um novo olhar onde o ser humano vai construindo a sua integralidade e a sua integração com tudo que o cerca (MÜLLER, 2004, p. 09).

Essa integralidade está na observância de ambas ativistas na condição terceiro-mundista quer seja do Brasil e ou da Índia e o neocolonialismo em suas estruturas de poder no mundo. Esse processo tem se mostrado violento para com os povos e comunidades. Shiva pontua que as mulheres e suas comunidades são muito afetadas pois extingue-se fontes de alimentação, de água e da biodiversidade, pois cabe a elas a tarefa de nutrir, cuidar etc.

Shiva se coloca como ecofeminista, pois entende que as mulheres devem participar de movimentos ativos e de incursões políticas para barrar projetos desenvolvimentistas predatórios que tiram os bens necessários como a terra, a água, a semente, a biodiversidade e autonomia para gerir e nutrir a vida com dignidade.

Embora Stang não se enquadre como ecofeminista, no entanto uma das dificuldades de Stang era se fazer ouvir como mulher para propor novos modos de vida quer seja para as comunidades como nos espaços de poder locais e nacionais. O aspecto religioso e o trabalho com o cuidado como afetação<sup>6</sup> fez com que alentasse a esperança com as questões socioambientais no Brasil. No excerto abaixo Stang reflete isso:

Sei que a fé sustenta e aprendi que três coisas são difíceis: como mulher, ser levada a sério nas reformas pela terra; permanecer fiel à convicção de que estes pequenos grupos de pobres trabalhadores chegarão um dia a se organizar e levar avante seus projetos; e ter coragem de sacrificar a própria vida na luta pelas mudanças (SALVODI, 2012, p. 72).

E ela conduziu esse cuidado com aquelas comunidades da floresta e pelos seus projetos conhecidos como PDS (Projeto de Desenvolvimento Sustentável) cuja preservação do solo implicava em usar uma pequena parte através da agricultura tradicional. Os ganhos viriam da própria floresta através da extração de óleos de

---

<sup>6</sup> Ver artigo de ULRICH, Claudete Beise: ROCHA, Abdruschin Schaeffer. Pathos e cuidado: Dorothy Mae Stang e o cuidado como afetação. In: Reflexus: Revista Semestral de Teologia e Ciências das Religiões. Ano XIII, n. 21, 2019/1, p. 37-64.



copaíba, andirobas e castanha-do-pará bem como através da plantação de cacau, pupunha e pimenta-do-reino e açaí.

Cabe ainda pontuar que a afetação no cuidado tem por excelência extrapolar a mera ação. Ambas ativistas são críticas da modernidade, pois os preceitos da liberdade e igualdade não emanciparam os cidadãos em relação ao cuidado e sim sujeitos dominados nesse processo, porém com o poder de destruir dado o ideal do progresso e violentar o Outro nos projetos (neo) colonialistas.

O cuidado em ambas não pode ser visto como ação caridosa, mas pensar o cuidado como uma disposição ao sofrimento, paixão, afecção, afetação. Ulrich e Rocha assim entendem o cuidado: “O cuidado enquanto *afetação*, ao contrário, é visto como um cuidado *com, próximo* o suficiente para se envolver e abrir mão do controle e da dominação, reforçando a dimensão humanizadora da vida” (2019, p. 46, *italico dos autores*).

Estes autores ainda acrescem a abordagem homeopática e cristã como possibilidade de entendimento conceitual. Deste modo citam Isaías 53:5 o qual anunciava que “pelas feridas do Messias nós fomos curados”. Assim sendo, a comunhão de sofrimentos nos alude partir da fraqueza do indivíduo e não de sua força para haurir a cura. Dorothy Stang via a necessidade de levar esse cuidado para os desprovidos do mesmo.

Em seu processo formativo, Stang descobre uma nova espiritualidade, não mais baseada no pecado original, mas, na bênção original: Deus criou o universo e viu que isto era bom. Irmã Dorothy “resolveu que quando voltasse ao Brasil trabalharia com as mulheres e os homens para tornar as suas terras mais produtivas, [...] fazendo-as compreender seu papel na criação – quanto mais cuidaria da terra, mais a Terra cuidaria delas” (LE BRETON, 2008, p. 152). Em uma de suas cartas escreveu: “Devemos ajudar as pessoas a voltar a uma relação com a Mãe Terra que seja terna e gentil. É um dom de Deus viver de modo intenso como partes do nosso universo cósmico (ULRICH; ROCHA, 2012, p. 57). E em outro momento antes do seu assassinato expôs:

Não vou fugir e nem abandonar a luta desses agricultores que estão desprotegidos no meio da floresta. Eles têm o sagrado direito a uma vida melhor numa terra onde possam viver e produzir com dignidade sem devastar (BINGEMER, 2009, p. 1).



Nesse sentido havia em Dorothy a personificação do cuidado imbricado na sua espiritualidade a qual era experienciada na religiosidade. A disposição de Stang para a comunhão dos sofrimentos fazia com que sentisse em intensidade a dor e o grito humano e da própria terra que se denudava cada vez mais na Amazônia (ULRICH; ROCHA, 2012, p. 62).

Em Shiva, a espiritualidade em conexão com a ecologia é expressa no encontro do sentido da vida e da satisfação. Para tal temos que sair daquilo que consumimos para viver o que somos e reforça:

A esperança não está nesse sistema tecnológico distorcido e estéril de comer aquilo que saiu de um laboratório, mas em voltar à Cidadania da Terra e ser parte dos ciclos da vida natural. A esperança está, sim, em recuperar a terra, nosso alimento e nossos corpos (SHIVA, 2020, p. 2).

Este processo representa o caminho para a felicidade e autoconfiança. Uma de suas frases expõe essa conexão: “A integridade e a espiritualidade não são diferentes, e reconhecer a integridade de cada pessoa e de cada espécie é, em si mesmo, espiritualidade.”<sup>7</sup> Qual é a relação com o feminismo? A crise ambiental como a socioeconômica estão relacionadas ao patriarcado, pois o mesmo se funda na violência e associado ao capitalismo aquiesce a exploração masculina, acumulativa e destrutiva, com violência contra mulheres, crianças, sementes, plantas, animais, biodiversidade, etc.

Para Shiva<sup>8</sup>, a espiritualidade nos dá força para fazer a transformação necessária em direção à sustentabilidade. Imbricada à espiritualidade estão as mulheres, pois as mesmas antes guardiãs do semear, das sementes e da biodiversidade agora figuram também como protagonistas em diversas culturas na luta por uma biocivilização. Esse novo modelo de civilidade advoga o fim do anterior construído sob as bases do patriarcado destruidor da natureza, voltado à desigualdade e à guerra.

Na biocivilização se reduziria a dominação sobre a natureza e sobre as minorias e se construiria sob base salutar e responsáveis com a sustentabilidade. Para Shiva

---

<sup>7</sup> In: greenme.com.br. Acesso em 20 de janeiro de 2020.

<sup>8</sup> Fala expressa em entrevista no programa Fronteiras do Pensamento.



trata-se de frear a destruição respeitando os recursos da Terra para vivermos com prazer. “O ecofeminismo é o caminho da biocivilização planetária”<sup>9</sup>.

### **Considerações Finais**

É indubitável que a espiritualidade de ambas as ativistas tem uma profunda conexão com a temática socioambiental. Afinal, o espriar de suas atuações implica na produção de sentidos da existência via diálogos delicados e respeitosos aduzidos pela necessidade de integração com o todo cosmológico, ecológico e comunitário.

Embora Stang não se visse como uma ecofeminista e Shiva sim, ambas partilham de sentidos muito próximos como (re) integrar as existências humanas ao mundo natural, re-tecer o mundo, curar as feridas, religar e interligar a teia. Essas confluências trazem até nós alguns alentos tão necessários hodiernamente.

Suas experiências devem e podem nos afetar desde que estejamos convictos de que as relações mais amorosas e respeitadas nos convoquem para o cuidado integral com todas e todos bem como para com a natureza.

Ambas advogam a necessidade da percepção de que nós humanos somos parte da Terra e jamais um ente separado tal qual o paradigma moderno se interpôs. A mudança implica em dirimir as misérias do patriarcado dentre as quais as desigualdades, o egoísmo, as guerras e o aquecimento do planeta.

Elas também não tratam de lutas identitárias tão em voga entre as esquerdas, mas lutas assumidas e vividas em aliança de tod@s nós sejamos negr@s, indígenas, velh@s, jovens, crianças. Shiva e Stang propõem também uma aliança das mulheres com os povos da floresta, pois estamos escorregando em lutas que não constroem caminhos pela sustentabilidade. O ecofeminismo não pode sozinho incluir os afetos, a autoconfiança, as alegrias para chegar na possibilidade de uma felicidade humana plena.

A construção de novas relações com afetos de responsabilidade para com o tempo presente e o futuro implica na resistência à simplificação mutiladora contemporânea. Conclui-se que ambas ativistas articularam a necessidade de novos debates sobre equidade, igualdade de gênero e suas relações com a sustentabilidade,

---

<sup>9</sup> <http://www.ihu.unisinos.br/185-noticias/noticias-2016/555892-mulheres-leitoras-do-presente-e-precursoras-da-biocivilizacao-entrevista-com-vandana-shiva>.



justiça socioambiental, recuperação de ecossistemas frágeis e a segurança alimentar nos diferentes espaços institucionais com base em discussões interdisciplinares com as diferentes formas de religiosidades.

### Referências bibliográficas

BADINTER, Elisabeth. **Um Amor conquistado**: o mito do amor materno. Tradução de Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

BARROS, Marcelo. Por uma espiritualidade política. In: **IHU On-line**, edição 546, 30 de setembro de 2016.

BINGEMER, Maria Clara Lucchetti. **Mulheres da história recente do Brasil**: Dorothy Stang, 2009, p.1-3. Disponível em: <http://agape.usuarios.rdc.puc-rio.br/amai/mulheresdahistoria1.doc>. Acesso em 20 mar. 2019.

CIOMMO, Regina Célia di. Relações de Gênero, meio ambiente e a teoria da complexidade. In: **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis 11 (2) julho-dezembro, 2003, p. 423-443.

GEBARA, Ivone. **Teologia Ecofeminista**. São Paulo: Olho d'Água, 1997.

HARDING, Sandra. **A instabilidade das Categorias Analíticas na Teoria Feminista**. In: *Revista Estudos Feministas*. vol.1,no.1, 1993, Rio de Janeiro CIEC/ECO/UFRJ, p. 1-19.

LE BRETON, Binka. **A dádiva maior**: A vida e a morte corajosas da irmã Dorothy Stang. Tradução de Renato Rezende. São Paulo: Editora Globo. 2008.

MIES, Mara; SHIVA, Vandana. **Ecofeminismo**. Trad. Fernando Dias Anntunes. Lisboa: Instituto Piaget, 1993.

PINTO, Enio Brito. Espiritualidade e religiosidade: articulações. In: **Revista de Estudos da Religião**. PUC São Paulo, 2009, p. 68-83.

PULEO, Alicia H. Anjos do Ecossistema? In: Faria, Nalu; Moreno, Renata (org.). **Análises feministas**: outro olhar sobre a economia e a ecologia. São Paulo: SOF, 104p. (Coleção Cadernos Sempre Viva. Série Economia e Feminismo, 3), 2012, p. 29- 50.

RUETHER, Rosemary Radford. Ecofeminismo: Mulheres do Primeiro e do Terceiro Mundo. **Estudos Teológicos**, 36(2):129-139, 1996.

SALVODI, Valentino. **Primeira mártir da criação**: Dorothy Stang. Trad. Jaime A. Classen. São Paulo: Paulinas, 2012.

SHIVA, Vandana. **Abraçar la vida**: mujer, ecología y supervivencia. Montevideo: Instituto del Tercer Mundo, 1991.

SHIVA, Vandana. Recuperar a terra, nosso alimento e nossa agricultura. In: **IHU On-line**, edição 236, 14 de março de 2000.



SILIPRANDI, Emma. Ecofeminismo: contribuições e limites para a abordagem de políticas ambientais. **Agroecologia e desenvolvimento sustentável**, v.1, n. 1, p. 61-70, jan./mar. 2000.

SORJ, Bila. O feminino como metáfora da natureza. In: **Revista Estudos Feministas**. Rio de Janeiro, vol. 0, 1992, p. 143-150.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** 1. ed. Trad. Sandra Regina Goulart Almeida; Marcos Pereira Feitosa; André Pereira. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2010.

TEIXEIRA, Evilázio Francisco Borges; MÜLLER, Marisa Campio; DA SILVA, Juliana Dors Tigre (Orgs.) **Espiritualidade e qualidade de vida**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

ULRICH, Claudete Beise; ROCHA, Abdruschin Schaeffer. Pathos e cuidado: Dorothy Mae Stang e o cuidado como afetação. In: **Reflexus: Revista Semestral de Teologia e Ciências das Religiões**. Ano XIII, n. 21, 2019/1, p. 37-64.

ZIMMERMANN, Tânia; MEDEIROS, Márcia Medeiros. **Biografia e Gênero: repensando o feminino**. In: *Revista de História Regional*, 9(1), Verão 2004, p. 31-44